

# As duas faces de



# Benazir Bhutto

Quem é a mulher que milhares de pessoas vão hoje receber com vivas nas ruas de Carachi? O rosto da alternativa a Musharraf promete mais uma vez levar a democracia ao país. Conseguirão os paquistaneses voltar a confiar em Benazir Bhutto?



## Francisca Gorjão Henriques

● Depois de ter sido eleita pela segunda vez como primeira-ministra do Paquistão, Benazir Bhutto exclamou para si mesma: “Meu Deus, sou uma sobrevivente!” Já foi há 14 anos, mas é possível que os mesmos pensamentos lhe ocorram hoje, quando chegar a Carachi, a sua terra natal, para ser recebida por milhares de pessoas, talvez mesmo um milhão. Ao fim de nove anos do exílio auto-imposto, divididos entre Londres e o Dubai, Benazir regressa hoje para tentar mais uma vez chegar ao topo do poder.

Na província de Sindh será ainda, para muitos, uma deusa. No resto do país, nada é certo.

Parece haver duas mulheres em Benazir Bhutto. “É uma mulher corajosa, elegante e inteligente. E ao mesmo tempo uma grande desilusão enquanto primeira-ministra”, comentou ao P2 Christina Lamb, jornalista do *Sunday Times* e autora da biografia *Waiting for Allah: Benazir Bhutto and Pakistan*. “O Paquistão tem uma sociedade muito polarizada e dividida entre os que a amam e a odeiam.”

A vida de Benazir é feita de vários regressos e nem todos tiveram, até agora, um final feliz. O primeiro foi em 1977, depois de concluir os seus estudos de Ciências Políticas e Filosofia em Harvard e Oxford. Foi a própria Benazir quem escreveu que não pretendia uma carreira na política. Tinha 24 anos e ambicionava ser diplomata, ao serviço do Governo do seu pai, Zulfikar Ali Bhutto – o primeiro primeiro-ministro do país e o fundador do Partido Popular do Paquistão (PPP), que a filha hoje lidera. Mas as cartas foram lançadas quando, dias depois de Benazir aterrar, Zulfikar Ali Bhutto foi derrubado pelo general Zia ul-Haq.

### “A incomparável”

Dois anos mais tarde, o pai foi executado e toda a família detida, incluindo Benazir. Os cinco anos seguintes seriam passados numa cela solitária, no deserto – uma realidade muito distante daquela em que vivia esta família abastada, proprietária de terras na província de Sindh. “O calor do Verão tornava a minha cela num forno”, escreveu na sua autobiografia *Daughter of Destiny*. E fermentava o seu instinto político.

Zulfikar Ali Bhutto escolheu o nome da filha – que significa “incomparável” – e passou-lhe uma boa dose de ambição. Era a mais velha de quatro irmãos e a preferida do pai, que sempre teve esperanças de que ela lhe seguisse as pisadas (e as do avô, também político).

Acompanhava-o em viagens “para ganhar uma ideia de como funcionavam as relações internacionais”, disse numa

entrevista ao *New York Times* em 1994. Não via nada de estranho em uma rapariga participar nestes acontecimentos – mesmo sendo uma rapariga muçulmana. “Via Indira Gandhi na Índia, a senhora Bandaranaike no Sri Lanka, Fatima Jinnah [irmã e colaboradora de Mohammed Ali Jinnah, fundador do país] no Paquistão.”

Depois da prisão, em 1984, foi autorizada a ir a Londres tratar uma infecção no ouvido. Ficou exilada até Zia ul-Haq levantar a lei marcial. Em Abril de 1986 faria o seu primeiro regresso ao Paquistão. E talvez se tenha surpreendido ao ver que as ruas rebentavam com palavras de apoio e boas-vindas. Benazir Bhutto, a “filha do destino”, tinha-se tornado no símbolo da luta anti-Zia, no rosto pró-democracia, na face de um Paquistão sem fardas militares. “Quando voltei fui posta num pedestal. Eu não era homem nem mulher. Era vista como uma santa.”

### Corrupção, assassínios

E deixou de ser apenas a “filha”. Pode não bater certo com a sua voz independente e a imagem de quem transborda confiança, mas Benazir assentiu em casar com o noivo que a mãe lhe escolheu. Em 1987, aquela que era já a política mais famosa do Paquistão, casava com Asif Ali Zardari, um homem que mal conhecia, fanático por pólo, vindo de uma família humilde dona de uma sala de cinema em Carachi. “Eu não podia ter um caso amoroso. Estava sob um grande escrutínio. Se o meu nome fosse ligado ao de um homem, teria destruído a minha carreira política”, disse ao *NYT*. Chegou a pensar em não casar. Mas seria difícil num país tão conservador. “Foi o preço a pagar pelo percurso político que a minha vida tomara”, escreveu na sua autobiografia. Não foi nada de que se tivesse arrependido: “Adoraria arranjar os casamentos das minhas filhas.”

Em 1988, um mesmo acontecimento fez virar o destino do Paquistão e o de Benazir. O avião onde Zia ul-Haq seguia despenhou-se misteriosamente. Seguiram-se eleições, que a líder do PPP ganhou sem dificuldade.

Dizem que é uma excelente oradora quando fala em inglês, mas que tem dificuldades em arrasar plateias em urdu. Os corações dos paquistaneses, porém, já estavam conquistados. Terão ficado mais quando prometeu alimentar a população, garantiu assistência médica aos pobres e um salário mínimo. “Até que ponto cumpriu esses objectivos é ainda hoje motivo de debate”, escreve o *Times*.

Zardari não lhe deu apenas três filhos. Montou um esquema que lhe fez valer a alcunha de “Sr. Dez Por Cento”. Tornou o seu casamento num poder intocável, ou assim o julgava. Foi a corrupção que fez

Benazir cair do poder apenas 20 meses depois de o ter conquistado, tendo sido demitida pelo Presidente. Seguiu-se Nawaz Sharif no Governo; e seguiu-se o mesmo caminho: demitido por corrupção.

Os paquistaneses decidiram dar o benefício da dúvida a Benazir: talvez ela não soubesse dos negócios ilícitos do marido. Mas seria uma mulher diferente aquela que regressou ao poder em 1993. Arrogante e tempestuosa, dizem. “Já não fazia a distinção entre ela e o Paquistão”, comentou mais tarde ao *New York Times* Hussain Haqqani, ex-membro do Governo. “Na sua cabeça, ela era o Paquistão, por isso podia fazer o que lhe apetecesse.”

A Amnistia Internacional acusou o seu Executivo de ter um dos piores índices de mortes em prisões, assassínios sumários e tortura. Foram também denunciadas detenções de opositores políticos.

Acumulou a chefia do Governo com o cargo de ministra das Finanças, e deu ao marido a liderança do Ministério do Investimento. Zardari colocou antigos colegas da escola a rever os programas governamentais, continua o *NYT*. “Entre as transacções que Zardari explorava estavam contratos militares, projectos de centrais eléctricas, privatização de indústrias estatais, atribuição de licenças de emissões televisivas, garantias de monopólio

**O Presidente Pervez Musharraf recebeu o apoio da líder do maior partido da oposição. Em troca garantiu-lhe imunidade para os tribunais**



Presidente Pervez Musharraf

da exportação de arroz, compra de aviões para as linhas aéreas paquistanesas, levantamento de quotas para a exportação de têxteis, atribuição de permissões petrolíferas e de gás, venda de terras estatais.”

### A técnica do post-it

Uma fonte explicou ao diário nova-iorquino: “Bhutto e Zardari adoptaram um sistema em que concediam favores ao escrever as suas ordens em *post-it* amarelos que juntavam aos documentos oficiais. Depois de terminados os negócios, as notas eram removidas, destruindo todos os traços de envolvimento.”

Depois de 1996, quando Benazir deixou o poder pela segunda vez, e pelas mesmas acusações de corrupção, a família tinha arrecadado um património avaliado em 1,5 mil milhões de dólares ganhos em negócios ilícitos através de todas as esferas de governação. É pelo menos esta a convicção dos que investigaram a sua fortuna, apesar dos escândalos de corrupção não terem sido provados em tribunal.

Benazir teve entretanto outro casamento de conveniência. Desta vez com um militar. Zia ul-Haq ganhou o estatuto de herói por desafiar um general, acabando enforcado. Benazir fez um acordo com outro, e voltará por isso ao país. O Presidente Pervez Musharraf recebeu o apoio da líder do maior partido da oposição, em troca garantiu-lhe imunidade para os tribunais.

E é também aqui que estão as dúvidas sobre quem será a mulher que hoje aterra em Carachi. “É uma mulher muito diferente do que era em 1986. Nessa altura, voltou muito jovem para desafiar um ditador. Agora volta outra vez, para se aliar a um”, comenta o P2 a biógrafa Christina Lamb. “Isto vai tornar difícil ela poder dizer que está a lutar pela democracia.”

Também não ajuda o facto de este acordo com Musharraf para uma partilha de poder ter sido arquitetado pelos EUA, a quem agrada ver em Islamabad alguém que diz defender a democracia e se opõe ao extremismo religioso. “Há muito entusiasmo [com o seu regresso] mas não necessariamente apoio”, diz Lamb. “É difícil saber como isto se traduzirá em votos.”

Christina Lamb, que tem falado com Benazir, não tem dúvidas: se há dois anos parecia ver pela frente “a morte do seu futuro político”, agora “está uma mulher diferente, até na aparência. Parece alguém a quem a hora chegou, a quem as coisas começaram a correr bem”.